Digitalizado pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
Disponível em http://www.etnolinguistica.org/index:edelweiss

FREDERICO G. EDELWEISS

ESTUDOS TUPIS E TUPI-GUARANIS

CONFRONTOS E REVISÕES

LIVRARIA BRASILIANA EDITÔRA
RIO DE JANEIRO
1969

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

VIII

O TÊRMO "XERINGA" E O DICIONÁRIO PORTUGUÊS E BRASILIANO

As referências a seringas e ao uso de clisteres entre os índios são suficientes para têrmos uma idéia relativamente exata da sua distribuição geográfica. Estendia-se ao longo da costa do Pacífico, do Canadá ao Chile, tornando-se mais densa na região do Amazonas superior, de onde atingiu as Gùianas.

Existiam dois tipos de seringas retais: os tubiformes e os bulbares, tendo êstes o recipiente de bexiga animal, de couro ou de borracha(1). O primeiro e único testemunhado da Colômbia para o norte era um simples canudo, por vêzes algo afunilado. Com êle o clister era administrado por meio de sôpro.

As seringas com depósito de bexiga animal ou de couro são mencionadas nas Gùianas e pela faixa do Pacífico da América do Sul. As de borracha são uma invenção nitidamente indígena da região do Alto-Amazonas, de onde se irradiaram o seu fabrico e uso até o Peru e as Gùianas(2).

Nenhuma referência se encontra nos cronistas ao emprêgo precabralino do clister entre as tribos tupi-guaranis, talvez por conhecerem numerosas plantas de efeitos benéficos em casos de prisão de ventre e inflamações intestinais.

Entre os guaranis, o jesuíta Montoya, peruano de nascença e iniciação, registra para *seringa* o têrmo descritivo *tebikutukaba — aparelho de punçar as nádegas*. Essa definição é tòpicamente vaga demais para passar por genuína composição índia.

O seu companheiro, Paulo Restivo, oitenta anos mais tarde, traduz seringa por *kûarepoti-poropohanõhá — aparelho de*

(1) — *Nordenskiöld, Erland —; Modifications in Indian Culture* etc. pp. 184 — 195.

(2) — *Idem, ibidem.*
— *Barrère, Pierre —; Neue Beschreibung* etc. pp. 103-104.

metal para administrar medicina, que, sendo ainda mais impreciso quanto ao uso específico, é claramente alienígena, por ser de metal(3).

As designações guaranis não permitem, pois, ampliarmos a distribuição do enema para dentro das regiões por êles ocupadas.

O *Vocabulário na Língua Brasílica,* compilado pelos jesuítas do Brasil durante a segunda metade do século dezesseis, traz *purga e purgar,* mas não consigna nem *ajuda* ou *clister,* nem *seringa*.

Diversas crônicas coloniais, por sua vez, confirmam o uso de plantas laxantes, vomitivas e desinflamantes, mas nenhuma se refere à prática de clisteres entre os tupis.

Isso não nos deve surpreender, porque os tupis da costa viviam ainda mais longe da área da sua distribuição do que os guaranis.

Foi preciso que a colonização atingisse o Amazonas e que devassasse o seu percurso para encontrarmos menção de seringas indígenas(4). Foram os seus inventores, no consenso de vários cronistas e viajantes fidedignos, os índios omáguas, chamados cambebas pelos brasileiros(5), que dêles copiaram o fabrico.

A seringa omágua era de material todo peculiar, elástico, muito apropriado ao seu fim. Designavam-na por *taputarana*(6).

O pe. Veigl a ela se refere com certas minúcias nas suas *Notícias Extensas da Terra dos Maynas*:

> "De certa resina especial, chamada *caucho* em língua peruana, os omáguas fabricam umas cabacinhas ôcas, munidas de um canudinho na abertura. Essas cabacinhas ou laranjinhas permanecem sempre elásticas e quando se com-

(3) — Veja nos vocabulários respectivos os verbetes *xeringa* e *ayuda*.

(4) — Compare o mapa de distribuição das seringas na América, em *Nordenskiöld op. cit.* na nota n.º 1.

(5) — *Sampaio, Frsco. X. Ribeiro de —; Diário da Viagem* etc. p. 72:
"Êste nome de *Umáua* na sua língua quer dizer *cabeça chata*. O mesmo significa *Cambeba,* nome tirado da língua-geral do Brasil, que os portuguêses lhes dão".
Cambeba é a aglutinação das palavras *acanga,* (acã), — *cabeça,* com *peba* — *chato*: *cabeças chatas,* pelo achatamento da cabeça, a que submetiam os recém-nascidos.

(6) — *Herrera, Pe. José Chantre y —; História de las Misiones* etc. p. 99.

primem de maneira a sair todo o ar e em seguida se mergulha o canudinho em qualquer líquido, a laranjinha se enche automàticamente. E, se depois se comprimir novamente com a mão, o líquido espirra, como de uma seringa, conforme a fôrça da pressão.

Essa resina, por conservar indefinidamente a sua elasticidade, poderia ser utilizada de várias maneiras: para guarda-chuvas, bombas de incêndio e até para botas, etc.

Entre os omáguas, entretanto, só tem aplicação no fabrico de seringas. Além das seringas retais, ainda usam outro tipo muito pequeno, com o qual se sopram o pó de curupá(7) no nariz .....
.....
e não é infundada a suposição de que se servem do curupá para tôda a sorte de abusos supersticiosos"(8).

Que nesta última afirmativa não há exagêro sabemos do *Diário* do *Pe. Fritz*. Êsse jesuíta afirma, que o uso do curupá pode deixar os índios fora de si e nesse estado são capazes de tudo(9).

Por mais que tenha haurido de escritores que o precederam, à argúcia de Condamine não podia escapar tão singular elemento cultural amazônico. Eis, o que a respeito nos informa:

"Os portuguêses do Pará aprenderam com os omáguas a fabricar bombas ou seringas, que dispensam pistão. Têm a forma de pêra vazia, perfurada na extremidade, onde se adapta uma cânula. Êsse utensílio é muito usado entre os omáguas(10).

Os paràguaras, ao copiarem o artefato omágua não lhe perfilharam o nome original. Fixou-se em seu lugar e no de uma possível denominação tupi o têrmo português *xeringa*, já não apenas para designar o aparelho, mas também o latex de que se fabricava, como nota Ribeiro Sampaio(11).

(7) — É o nosso *paricá* (*Diptadenia Peregrina Benth.*)

(8) — *Veigl, Frsco. Xavier —; Gründliche Nachrichten.* etc. pp. 86/87.

(9) — *Journal of the Travels and Labours of Father Samuel Fritz* etc. 1686-1723. pp. 105 e 110.

(10) — *Condamine, C. M. de la —; Relato Abreviado de uma Viagem,* etc. (Edições Cultura) p. 54 e p. 79 da edição francêsa.

(11) — *Diário da Viagem etc.* p. 73:
"Dos cambebas aprenderam as mais nações e igualmente os do Pará a fabricarem a célebre goma ou resina elástica, chamada vulgarmente *leite de seringa,* porque daquela goma se fazem".

Esta denominação portuguêsa e a completa ausência de um correspondente tupi sugere pelo menos a probabilidade de só se terem os tupis do Pará familiarizado com a seringa amazônica em companhia dos portuguêses. Por outro lado, a sinédoque, a transferência do nome do artefato à matéria de que é feito, prova, que a seringa amazônica sempre foi de borracha, porque de outra forma dificilmente se explicaria a denominação.

Isto pôsto, insinua-se naturalmente a indagação acêrca da época em que se processou essa aculturação. A resposta interessa-nos aqui principalmente para a fixação da data aproximada, que devemos atribuir à composição do manuscrito N.º 257 da relação de Vale Cabral(12), que foi editado lacunosamente por frei Conceição Veloso, em 1795, com o título de *Dicionário Português e Brasiliano*.

O manuscrito traz a data de 1751; mas, figurando nêle notas em tinta diferente, que tacham de antiquados diversos têrmos originais, há quem o julgue mais antigo(13) e até quem o remonte aos tempos do pe. Figueira, ou pelo menos muito chegados a êle(14).

Quem assim aquilata o manuscrito, não se capacitou das chocantes deformações no seu vocabulário, quando comparado com o jesuítico, para deixar-se levar impensadamente pelas aparências de um capítulo anexo, o *Livro do Advérbio,* visìvelmente calcado no respectivo capítulo da gramática do pe. Figueira. Seria um achincalhe ao gramático jesuíta relacionar por isso, ao de leve mesmo, o seu tupi com o do *Dicionário Brasiliano*.

Êsse manuscrito, indubitàvelmente compilado em uma ou várias capitanias do então Estado do Maranhão, regista pela primeira vez o têrmo luso *"xeringa", já perfilhado* pela língua-geral e, naturalmente, designando, pelas razões apontadas, o instrumento de borracha indígena.

Essa naturalização da palavra *xeringa* pelos tupis do Norte, foi necessàriamente precedida por uma fase de difusão do invento cambeba, após o estabelecimento do intercâmbio dessa tribo e das vizinhas com a população do Pará. O *Dpb*. já nos dá por acabada essa fase de adaptação pelo uso corrente do *clister,* do qual o manuscrito consigna o nome na língua-geral do Ama-

(12) — *Cabral, Alfredo do Vale —; Bibliografia* etc. — p. 205.

(13) — *Dicionário Português-Brasiliano e Brasiliano-Português.* Reimpressão de Plínio Ayrosa; p. 12.
— *Martins M, de Paula —; Notas Referentes* etc. p. 123.

(14) — *Idem;* Rev. do Museu Paulista. N. S. vol. *X* p. 323.

zonas: *xeringapora,* um hibridismo muito corrente, que se traduz por *conteúdo da seringa,* ou *seringada.*

Procuraremos, pois, estabelecer a época em que deve ter começado a difusão da seringa cambeba.

Como prova o seu nome português na língua-geral amazônica de então, a sua adoção pelos habitantes da costa está intimamente ligada à penetração dos lusos pelo Amazonas acima e à sua chegada à região dos omáguas ou cambebas, entre os rios Japurá e Napo.

Pedro Teixeira teve apenas ligeiros contatos com os omáguas, pelo que se depreende dos relatos dos padres Alonso de Rojas(15) e Cristobal de Acuña(16). Êste último prefere o nome de *água,* repudiando o de *omágua,* embora mais usado.

Heriarte faz distinção entre os índios *águas* e *máguas* (omáguas) mas atesta que, por volta de 1662, quando por suas terras parece ter passado, ainda não haviam estabelecido trocas com os portuguêses(17).

A lentidão da penetração portuguêsa é compreensível, quando se considera o não menos moroso desenvolvimento da cidade do Pará.

Segundo o depoimento do mesmo Heriarte(18), em meados do século dezessete, a cidade de Belém só contava quatrocentos vizinhos, que se dedicavam na sua maioria ao cultivo da terra. Essa população aumentou vagarosamente naqueles confins, ainda não passando de quinhentos moradores no fim do século dezessete(19).

Na mesma época São Luiz do Maranhão tinha pouco mais de mil vizinhos(20).

Evidentemente, essa escassa população não teria tão acentuada necessidade de braços escravos, que compensassem entradas até além do Rio Negro. Seria esta uma das razões de serem as expedições portuguêsas, a que se refere o pe. Fritz, sempre de pouca gente visìvelmente de caráter oficial.

Entretanto, como na *Descrição do Estado do Maranhão,* de *Heriarte,* aparece pela primeira vez o sinônimo tupi de *omágua,* que é *cambeba*(21), temos pelo menos a certeza, de que a estranha conformação craniana dos omáguas já se havia divulgado(22).

As numerosas tribos omáguas ocupavam então a margem esquerda e as ilhas do Amazonas do Japurá até ao Napo, território servido por missões jesuíticas espanholas. Em 1686 obtiveram os omáguas o primeiro missionário residente enviado do Peru, o célebre padre Fritz, que, em 1689, empreendeu dali uma viagem ao Pará, tanto para se curar, como queixar-se de algumas incursões de preadores de índios portuguêses, nas imediações do território ocupado pelas missões espanholas(23).

Em 1697, o pe. Fritz registra o primeiro destacamento português chegado à bôca do Japurá, acompanhado de padres carmelitas calçados, para tomarem posse das missões espanholas ali existentes(24). Por essa ocasião o pe. Fritz menciona, pela primeira vez, a efetivação de resgates entre paràguaras e índios(25).

Como daí por diante a pressão contra as missões espanholas aumentasse gradativamente, os omáguas e jurimáguas, instados pelos missionários, retiraram-se em massa, a partir de 1711, e fixaram-se nas margens do rio Ucaiale(26).

A vista dêstes dados, é por volta de 1700, que os devassadores puderam familiarizar-se diretamente com a seringa indígena, a *taputarana* cambeba, e aprender o seu fabrico, fatos que devem ter precedido a generalização do têrmo português *xeringa* entre os índios e mestiços de língua geral e a sua inclusão nos vocabulários, conforme atesta Ribeiro de Sampaio(27).

Se outros argumentos não tivéssemos, bastaria a perfilhação da palavra portuguêsa *xeringa* no vocabulário manuscrito, datado de 1751, e, por conseguinte, no *Dicionário Português e Brasiliano,* que o reproduz, para circunscrever-lhe a idade. Êsse tão discutido vocabulário não pode ser anterior ao comêço do século dezoito, época em que do Pará se estabeleceu e se firmou o contato com os cambebas, os inventores da seringa amazônica e os mestres dos brasileiros na arte da sua fabricação.

---

(15) — *Descobrimento do Rio Amazonas;* p. 110.
(16) — *Ibidem;* p. 226.
(17) — *Descrição do Estado do Maranhão;* p. 47.
(18) — *Descrição* etc. p. 23.
(19) — *Ferreira, João de Sousa —; Noticiário Maranhense;* p. 302.
(20) — *Idem, ibidem;* p. 297.
(21) — Veja a nota N.º 5.

(22) — É uma indicação de incursões mais amiudadas. Uma das razões dessa atividade deve ser procurada na separação de Portugal da Espanha.
(23) — *Journal of the Travels* etc. pp. 53 e 59-70.
(24) — *Ibidem;* pp. 100-101. Eram apenas seis soldados e dois carmelitas.
(25) — *Ibidem;* p. 102. Efeito da "repartição" das missões por 1692 a que aludimos na I parte, cap. I.
(26) — *Ibidem;* pp. 105-129.
(27) — Veja a nota n.º 11.